UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOCENTE CAMINHOS DO SERTÃO
UNIDADE AVANÇADA ITINGA DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS GOMES
IASMYN DOS SANTOS PEREIRA
JACÓ RIBEIRO NASCIMENTO

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM SALA DE AULA: combatendo o preconceito linguístico no 8° ano do Ensino Fundamental com o poema "O Poeta da Roça", de Patativa do Assaré

Itinga do Maranhão
2026

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS GOMES
IASMYN DOS SANTOS PEREIRA
JACÓ RIBEIRO NASCIMENTO

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM SALA DE AULA: combatendo o preconceito linguístico no 8° ano do Ensino Fundamental com o poema "o poeta da roça", de Patativa do Assaré

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de "Licenciatura em Letras Língua Portuguesa", do Programa de Formação Docente Caminhos do Sertão da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL/unidade Itinga do Maranhão), como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Isabel Delice Gomes Macedo.

Itinga do Maranhão
2026

G633v

Gomes, Camila Rodrigues dos Santos

Variações linguísticas em sala de aula: combatendo o preconceito linguístico no 8° ano do Ensino Fundamental com o poema “O Poeta da Roça”, de Patativa do Assaré. / Camila Rodrigues dos Santos Gomes, Iasmyn dos Santos Pereira, Jacó Ribeiro Nascimento. – Itinga do Maranhão, MA, 2026.

48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2026.

1. Sociolinguística educacional. 2. Ensino de língua portuguesa. 3. Preconceito linguístico. 4. Literatura de cordel. 5. Diversidade linguística. I. Pereira, Iasmyn dos Santos. II. Nascimento, Jacó Ribeiro. III. Título.

CDU 81:82

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Jarina Serra Santos CRB – 13/953**

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS GOMES
IASMYN DOS SANTOS PEREIRA
JACÓ RIBEIRO NASCIMENTO

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM SALA DE AULA: combatendo o preconceito linguístico no 8° ano do Ensino Fundamental com o poema "O Poeta da Roça", de Patativa do Assaré

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de "Licenciatura em Letras Língua Portuguesa", do Programa de Formação Docente Caminhos do Sertão da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL/unidade Itinga do Maranhão), como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Isabel Delice Gomes Macedo.

APROVADO EM: 06/06/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ISABEL DELICE GOMES MACEDO
Data: 19/06/2026 10:18:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientadora
Profa. Ma. Isabel Delice Gomes Macedo

Documento assinado digitalmente
gov.br
WEMYLLA DE JESUS ALMEIDA
Data: 19/06/2026 12:48:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Wemylla de Jesus Almeida
Examinador 1

Documento assinado digitalmente
gov.br
WALQUIRIA LIMA DA COSTA
Data: 19/06/2026 14:18:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Ma. Walquíria Lima da Costa
Examinador 2

AGRADECIMENTOS

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS GOMES

Primeiramente, quero agradecer a Deus, que foi meu sustento em todos os momentos. Foi Ele quem me deu forças quando pensei em desistir, saúde para continuar e sabedoria para seguir em frente. Sem Ele, nada disso seria possível.

Agradeço especialmente à minha mãe, Maria Francisca Rodrigues, e ao meu pai, Jailson Tavares dos Santos, que sempre foram presentes, me apoiando e incentivando nessa longa jornada. Tenho uma gratidão imensa, à minha mãe, que cuidou da minha filha ao longo dessa trajetória; digo, com plena convicção, que isso tornou o processo mais leve.

Ao meu companheiro, Gideão da Costa Gomes, por estar ao meu lado em todos os momentos, pela constante palavra de incentivo, paciência, apoio e por nunca me deixar desistir. Obrigada por ser meu abrigo e minha força. Eu te amo!

À minha filha, Rebeca Rodrigues da Costa, meu maior presente. Você chegou durante essa jornada e se tornou a razão de eu continuar firme. Cada esforço foi por você e para você. Você é tudo para mim.

Aos meus irmãos, Kaline Rodrigues dos Santos e Denilson Rodrigues dos Santos, que sempre me inspiraram e torceram por mim. Amo vocês profundamente.

Aos meus amigos que se tornaram irmãos, Jacó e Iasmyn, por caminharem comigo até o fim. Vocês tornaram tudo mais leve, dividiram comigo os desafios e também as conquistas. Levarei vocês para sempre comigo.

À Juliana, que no início do curso foi uma grande parceira e amiga, e à minha amiga Vânia, que sempre me motivou e esteve presente. Vocês foram muito importantes nessa caminhada.

Não poderia deixar de mencionar minha tia, Jailma, que também cursa Pedagogia e com quem sempre compartilhei conversas, dúvidas e aprendizados ao longo dessa caminhada.

A todos os meus colegas de Letras, por cada momento compartilhado. Foi um privilégio fazer parte de uma turma tão especial. Deus foi generoso comigo ao me permitir viver isso.

De forma muito especial, à professora Lilian Castelo, que marcou minha caminhada desde o início, pelo carinho, incentivo e presença constante.

À professora Daiana, por sua dedicação e por ter sido uma das docentes que mais contribuiu para minha formação.

À minha orientadora, Isabel Delice, por toda paciência, dedicação e cuidado. Sua forma de ensinar e de acalmar nos momentos mais difíceis, especialmente na reta final do TCC, fez toda diferença.

Por fim, expresso minha gratidão a todos os professores que contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica e à UEMASUL, por essa oportunidade tão valiosa.

Meus mais sinceros e profundos agradecimentos a todos que fizeram parte desta conquista.

IASMYN DOS SANTOS PEREIRA

Meus sinceros agradecimentos vão, em primeiro lugar, a Deus, minha torre forte, meu sustento durante esses anos. Sem Ele, eu não teria conseguido. O Senhor sempre se mostrou presente, principalmente nos pequenos detalhes. São muitas bênçãos para contar!

Em segundo lugar, aos meus pais, Sueli da Silva e Jerry Almeida, que me deram total apoio durante essa jornada árdua e de sacrifícios. Se propuseram a fazer essa caminhada junto comigo.

Em especial, agradeço ao meu esposo, Paulo Guilherme da Silva Oliveira. Este foi quem me incentivou até o último momento a não desistir. Foi quem, por muitas vezes, se preocupou em deixar as coisas em casa organizadas para que eu chegasse do trabalho, jantasse e pudesse me dedicar ao TCC, sem precisar me preocupar com as demandas de dona de casa. Meu amor, você foi e sempre será a minha melhor escolha.

Ao meu irmão Ykaro dos Santos, que acordava cedo aos finais de semana para me deixar no ponto de van e sempre me ajudou no que precisei, o meu muito obrigada!

Agradeço aos meus amigos e irmãos de coração que ganhei na faculdade e que são meus parceiros desde o início e até depois daqui: Jacó e Camila. A esses dois, eu devo minha total gratidão e admiração. Quando estive desanimada, me deram ânimo. Estes foram essenciais para que o processo se tornasse mais leve e gratificante de ser vivido.

À minha colega de turma Vânia de Oliveira, meus agradecimentos por ter sido tão parceira comigo e por ter me ajudado tanto. Sou grata a cada colega de turma, em especial ao Rafinha (Rafael), que foi mais que um amigo também: um verdadeiro irmão. Rafinha, por muitas vezes, me salvou de um dia difícil com apenas um abraço ou gracinha que fazia (essa sempre foi sua especialidade).

Agradeço imensamente à professora Joselda Nascimento, que me deu total apoio enquanto eu decidia se trabalhava ou se estudava. Graças a ela, decidi estudar, mesmo tendo que deixar meu emprego de lado. Obrigada, professora!

À orientadora do nosso grupo, Isabel Delice, obrigada por ter tornado o processo mais leve. Escrever um Trabalho de Conclusão de Curso não é fácil, mas você foi essencial para que conseguíssemos concluir sem sairmos lesionados mentalmente (risos).

Gratidão à professora Claudilene Alves, que nos apresentou a minha disciplina favorita do curso: Libras. A forma como você lecionou a disciplina influenciou diretamente para que eu e alguns outros alunos nos apaixonássemos pela Língua Brasileira de Sinais. Você é incrível!

Por fim, o meu muito obrigada a todos os professores que passaram por aqui durante os quatro anos de faculdade. É claro que alguns se aproximam mais que outros e nos deixam legados que nos marcam. À professora Lilian Castelo Branco, que marcou profundamente toda a turma: minha flor, gratidão por ter entrado em nossas vidas. Você mora em meu coração sem pagar aluguel! Aos professores Wemylla de Jesus, Walquíria Lima, Concilda de Almeida, Kezia Calixto e Remy Sales: vocês fizeram toda a diferença no meu processo de ensino-aprendizagem. Muito obrigada!

JACÓ RIBEIRO NASCIMENTO

Parafraseando Martin Luther King: *"Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era."* Essas palavras refletem minha trajetória acadêmica, traduzem o esforço dedicado a cada etapa desta caminhada e expressam a transformação que vivi durante o processo. Foi por meio da infinita graça, bondade e cuidado de Deus que pude chegar até aqui e vencer mais essa etapa da minha vida.

Agradeço à minha família, que foi minha base e meu alicerce para que eu não desistisse durante essa jornada, em especial, à minha mãezinha Agusta, que é minha maior motivação; aos meus irmãos, Aldirene, Alrilene e Dionas, que sempre estiveram ao meu lado com apoio e incentivo e aos meus sobrinhos, que, com seus gestos de carinho e afeto, trouxeram leveza e se tornaram fonte de inspiração diária.

"Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade" (Eclesiastes 4:12). Com esse versículo bíblico, externo meus mais sinceros agradecimentos às minhas colegas de TCC, Camila e Iasmyn. Ele traduz, de forma simples e profunda, a união que vivenciamos ao longo desta jornada, juntos, nos tornamos como irmãos, e foi nessa parceria que encontrei serenidade e força para seguir em frente.

Também expresso minha gratidão às colegas, Izabela e Juliana que, mesmo não concluindo esta etapa comigo, foram fundamentais em diferentes etapas do caminho, deixo meu reconhecimento pela contribuição e pelo companheirismo que marcaram minha trajetória. Agradeço, de modo especial, à Vânia, que continua comigo nesta caminhada e com quem compartilhei estágios, seminários e tantos momentos de aprendizado, sendo sua presença e apoio essenciais na construção desta conquista.

Não poderia deixar de mencionar um amigo que foi muito importante na minha jornada acadêmica, Leanderson, você nunca mediu esforços para estar presente, seus conselhos, sua motivação e a forma como sempre esteve disposto a me ajudar marcaram profundamente essa trajetória. Receba meu reconhecimento e minha gratidão por tudo o que fez e representa na minha vida.

Estendo ainda minha gratidão a toda turma de Letras, que sempre teve como lema *"ninguém solta a mão de ninguém"*. Foi um privilégio conhecer e conviver com vocês, e essa convivência reforçou em mim o verdadeiro valor do companheirismo. Às professoras Lilian, Wemylla e Walquíria, agradeço por terem contribuído positivamente e marcado minha trajetória acadêmica; sempre lembrarei de vocês com carinho.

À minha orientadora, Isabel Delice, manifesto meu profundo reconhecimento pela forma com que acompanhou esta trajetória. Sua paciência, dedicação e sensibilidade foram fundamentais, especialmente na reta final do TCC. Sua orientação não apenas guiou nosso trabalho, mas também nos transmitiu confiança e tranquilidade.

Sou igualmente grato a todos os professores que, com seus ensinamentos e incentivo, contribuíram de maneira significativa para minha formação. À UEMASUL, agradeço pela oportunidade de vivenciar essa experiência acadêmica tão única e transformadora.

Encerrando este ciclo, deixo meus mais sinceros e calorosos agradecimentos a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, fizeram parte desta conquista.

“A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações” (Marcos Bagno).

RESUMO

Este trabalho discute o papel das variações linguísticas no contexto escolar, com foco no combate ao preconceito linguístico no 8º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa parte da constatação de que o ensino tradicional de Língua Portuguesa privilegia a norma padrão, desvalorizando outras formas legítimas de uso da língua e contribuindo para a exclusão de estudantes. Fundamentado na Sociolinguística Educacional, especialmente nos estudos de Bagno (2007; 2014), Labov (2008) e Bortoni-Ricardo (2004; 2014), o estudo compreende a língua como um fenômeno heterogêneo, dinâmico e socialmente construído. O objetivo geral deste trabalho é apresentar uma proposta metodológica com as variações linguísticas diatópica e diastrática no 8° ano do ensino fundamental, utilizando o poema *O Poeta da Roça*, de Patativa do Assaré, partindo do seguinte problema: de que maneira a análise do poema contribui para o enfrentamento do preconceito linguístico no 8° ano do ensino fundamental? A metodologia caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios e descritivos, conforme Prodanov e Freitas (2013) e Gil (2017). Como resultado, propõe-se uma sequência didática que valoriza a diversidade linguística, estimula a reflexão crítica dos alunos e contribui para a construção de um ensino mais inclusivo e democrático. Conclui-se que o trabalho com textos que valorizam a linguagem popular pode fortalecer a identidade dos estudantes, ampliar sua competência comunicativa e combater o preconceito linguístico no ambiente escolar.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional; Ensino de Língua Portuguesa; Preconceito linguístico; Literatura de cordel; Diversidade linguística.

ABSTRACT

This study discusses the role of linguistic variation in the school context, focusing on combating linguistic prejudice in the 8th grade students in elementary education. The research stems from the observation that traditional Portuguese language teaching prioritizes the standard norm, while devaluing other legitimate forms of language use and contributing to the exclusion of students. Grounded in Educational Sociolinguistics especially the studies by Bagno (2007; 2014), Labov (2008), and Bortoni-Ricardo (2004; 2014), this study understands language as a heterogeneous, dynamic, and socially constructed phenomenon. The main objective of this work is to present a methodological proposal addressing diatopic and diastratic linguistic variation for the 8th grade of elementary education, using the poem *O Poeta da Roça* by Patativa do Assaré. The core research question guiding this work is: How does the analysis of this poem contribute to confronting linguistic prejudice among 8th-grade students in elementary education? The methodology is characterized as bibliographic research with a qualitative approach, having exploratory and descriptive objectives, in accordance with the frameworks outlined by Prodanov and Freitas (2013) and Gil (2017). As a result, a teaching sequence is proposed that values linguistic diversity, encourages critical reflection among students, and supports the development of a more inclusive and democratic educational practice. This study concludes that working with texts that honor popular language can strengthen students' sense of identity, expand their communicative competence, and help reduce linguistic prejudice within the school environment.

Keywords: Educational Sociolinguistics; Portuguese language teaching; Linguistic prejudice; Cordel literature; Linguistic diversity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17
2.1. Linguagem, língua e fala 17
2.2. A Sociolinguística Educacional no Ensino de Língua Portuguesa 21
2.3. Variações Linguísticas: a heterogeneidade como marca da vitalidade da língua 23
2.4. Preconceito Linguístico 24
3. METODOLOGIA 31
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES 33
4.1. Patativa do Assaré e a Força Cultural do Cordel Nordestino 33
4.2. Sequência Didática: Cordel em Sala de Aula - Práticas de Valorização Linguística 35
4.3. Eixos de Análise do poema 36
4.4. Resultados esperados da Proposta Didática em Consonância com BNCC 38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 40
REFERÊNCIAS 42
APÊNDICES 43
ANEXOS 46

1 INTRODUÇÃO

Estar inserido em um ambiente escolar e, ao mesmo tempo, sentir-se excluído por ele é uma realidade persistente no meio educacional. A valorização exclusiva da norma de prestígio acaba contribuindo para um ambiente, onde os diferentes modos de falar são estigmatizados, tidos como erros e não como manifestações legítimas da diversidade linguística. No Ensino Fundamental, contexto pelo qual esta pesquisa debruça-se, é possível observar com frequência o predomínio de práticas pedagógicas centradas na norma padrão como modelo exclusivo de uso legítimo da língua. Nessa perspectiva, as diferentes variedades linguísticas, presentes no cotidiano dos alunos, acabam sendo desconsideradas ou tratadas como formas inadequadas de expressão.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a escola, muitas vezes, ignora a diversidade linguística existente entre os estudantes e tende a valorizar apenas a norma culta, o que pode gerar exclusão e dificultar a aprendizagem daqueles que utilizam outras variedades da língua. Nesse sentido, torna-se necessário pensar no modelo tradicional de ensino de Língua Portuguesa, historicamente marcado pela centralidade na gramática normativa e pela valorização hegemônica da norma padrão. Conforme aponta Marcos Bagno (2007), essa abordagem contribui para reforçar preconceitos linguísticos e deslegitimar as variedades utilizadas por grande parte da população, ignorando o caráter heterogêneo e dinâmico da língua.

Para enfrentar tal questão, a Sociolinguística Educacional surge como a virada teórica fundamental deste estudo. Diferente da perspectiva tradicional, essa abordagem compreende a língua como um fenômeno vivo, múltiplo e dinâmico, moldada pelas interações sociais. William Labov (2008), faz apontamentos sobre essa perspectiva, indicando que as variações não são desvios, mas manifestações naturais que são influenciadas por fatores, como região, classe social, idade, gênero e contexto sociocomunicativo.

O conceito de variação linguística abrange as dimensões diatópicas (geográficas), diastráticas (sociais), diacrônicas (históricas) e diafásicas (situacionais), e todas essas expressões são legítimas da diversidade cultural; é por meio dessas perspectivas que o preconceito linguístico perpetua. Nesse sentido, por falar em estigmatização da fala, essa é entendida como a discriminação contra formas de expressão que se afastam da norma padrão, desvalorizando a diversidade das variações da língua e funcionando como uma extensão do preconceito social. Bagno (2007) destaca que o preconceito linguístico é, na verdade, uma extensão do preconceito social, pois desvaloriza identidades culturais e reforça desigualdades.

A fim de propor esse fortalecimento, a obra de Patativa do Assaré, especificamente o poema *O Poeta da Roça*, apresenta-se como um recurso pedagógico. Patativa do Assaré ao incorporar as variações (diatópica e diastrática) em sua obra, torna sua poesia um exemplo prático da perspectiva sociolinguística, evidenciando como a língua é moldada pelas dinâmicas regionais, sociais e/ou culturais, promovendo uma reflexão crítica sobre a relação entre linguagem, identidade e poder.

Dessa forma, o presente trabalho (proposta de execução) parte do seguinte problema de pesquisa: de que maneira a análise do poema "O poeta da roça", de Patativa do Assaré, contribui para o enfrentamento do preconceito linguístico no 8º ano do Ensino Fundamental? Essa problemática emerge da necessidade de repensar práticas pedagógicas que, historicamente, privilegiam a norma padrão em detrimento das demais variedades da língua, muitas vezes reforçando estigmas e desigualdades no ambiente escolar.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo é apresentar uma proposta metodológica para o trabalho com as variações linguísticas diatópica e diastrática no 8º ano do Ensino Fundamental. Sendo assim, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de discutir, no contexto escolar, a problematização do preconceito linguístico e a valorização da diversidade linguística. Busca-se, assim, contribuir para uma prática pedagógica que reconheça a língua como fenômeno heterogêneo e socialmente situado.

Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos como específicos: discutir as variações linguísticas regional e social no contexto escolar, à luz dos pressupostos da Sociolinguística Educacional; analisar os recursos expressivos do poema *O poeta da roça*, identificando como a obra transforma a variação linguística em um mecanismo de resistência contra a estigmatização do "falar errado"; desenvolver atividades pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica dos estudantes do 8º ano sobre o preconceito linguístico; estimular a produção textual autoral dos alunos, valorizando suas diferentes formas de expressão linguística; e, por fim, propor uma metodologia de ensino das variações linguísticas voltada aos Anos Finais do Ensino Fundamental, com foco em práticas inclusivas.

Conforme aponta Ferdinand Saussure (2006), a língua constitui um sistema que se desenvolve no interior da sociedade e está diretamente ligado às práticas dos falantes. Nessa perspectiva, a Sociolinguística, representada por estudiosos como William Labov (2008) e Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), evidencia que as variações linguísticas não devem ser compreendidas como erros, mas como manifestações naturais da diversidade cultural, social e regional presentes na língua.

Dessa forma, a relevância social desta pesquisa está em contribuir para a construção de uma proposta de execução pedagógica mais inclusiva, com sugestões que reconheçam e valorizem a diversidade linguística dos estudantes, promovendo o respeito às diferentes formas de expressão e combatendo o preconceito linguístico no ambiente escolar.

Para isso, o estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística e da Sociolinguística Educacional, tendo como principais referências Ferdinand Saussure (2006), no que se refere à compreensão da língua como fenômeno social; William Labov (2008), com seus estudos sobre a variação linguística; Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), ao discutir a relação entre linguagem e educação; e Marcos Bagno (2007), por suas reflexões acerca do preconceito linguístico e da valorização das variedades da língua. Além disso, a obra de Patativa do Assaré constitui o corpus de análise e o principal recurso pedagógico da proposta apresentada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta o referencial teórico que embasa a presente pesquisa, reunindo conceitos e discussões fundamentais para a compreensão do tema proposto. Inicialmente, serão abordados os conceitos de linguagem, língua e fala, a fim de estabelecer as bases para a análise do uso da língua em diferentes contextos sociais.

Em seguida, discute-se a Sociolinguística Educacional no ensino de Língua Portuguesa, destacando a relevância de considerar a diversidade linguística no ambiente escolar. Posteriormente, serão apresentadas as variações linguísticas como expressão da heterogeneidade e vitalidade da língua, enfatizando sua presença no cotidiano dos falantes. Por fim, problematiza-se o preconceito linguístico, refletindo sobre suas implicações sociais e educacionais no processo de ensino e aprendizagem da língua materna.

2.1. Linguagem, língua e fala

O estudo da linguagem é antigo, mas ainda relevante de ser abordado. A partir do século IV, iniciaram-se os primeiros estudos linguísticos, desenvolvidos pelos hindus. Movidos por razões religiosas, eles buscavam compreender melhor a própria língua, a fim de evitar que os textos sagrados sofressem modificações no momento em que fossem pronunciados.

Com o passar do tempo, gregos e latinos também passaram a estudar a língua. Dessa forma, o conhecimento de um número maior de línguas despertou, no século XIX, o interesse

em investigar as chamadas línguas vivas, em vez de se manter apenas em um raciocínio mais abstrato sobre a linguagem (Fiorin, 2007).

Essas reflexões contribuíram para o avanço dos estudos linguísticos, que passaram a compreender a língua como um fenômeno dinâmico e sujeito a transformações. A partir dessa perspectiva, linguistas observaram que nenhuma língua permanece idêntica ao longo do tempo, pois todas sofrem mudanças naturais em sua estrutura e uso.

Segundo Fiorin (2007, p. 8), "o estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular". Dessa forma, compreende-se que a língua é viva e está em constante transformação, podendo mudar diacronicamente.

Ao refletir sobre a forma como os indivíduos se comunicam e expressam pensamentos, é natural que surja a questão: O que é, afinal, a linguagem? Esse conceito, essencial para os estudos linguísticos, constitui o ponto de partida para compreender a relação entre língua e fala. Segundo Bagno (2014, p. 11), "somos seres feitos de carne, osso e linguagem".

Com essa afirmação, compreende-se que a linguagem é fundamental para a existência humana, pois está intrinsecamente ligada à forma que os sujeitos pensam, se relacionam e atuam na sociedade. Dessa maneira, pode-se dizer que a linguagem é uma dimensão essencial do ser humano, tão necessária quanto qualquer outra que compõe sua natureza. Diante disso, Bagno afirma que:

> Estamos mergulhados na linguagem tanto quanto os peixes estão mergulhados na água. A linguagem é um ambiente em que vivemos, e até mais do que isso: nossa experiência com a linguagem é ainda mais radical do que a do peixe com a água, porque a água existe fora do peixe, enquanto a linguagem existe tanto fora de nós, no nosso meio social, quanto dentro de nós, no nosso cérebro. A linguagem faz parte da nossa própria constituição física, fisiológica (constituição que inclui também nossa psique, já que não faz sentido separar corpo e mente, que são uma coisa só) (Bagno, 2014, p. 11).

A reflexão de Bagno (2014) evidencia que a linguagem ultrapassa a simples função comunicativa, sendo um elemento constitutivo da própria identidade humana. É por meio dela que se constroem sentidos, compartilham experiências e participam das interações que moldam a vida em sociedade.

Portanto, compreender a linguagem é apreender, também, que o ser humano, em sua totalidade, é um sujeito que pensa, sente e se expressa no e pelo meio linguístico. Nesse sentido, "a linguagem é, de certo, o nexo mais poderoso que mantém uma comunidade humana

interligada, intraligada, coesa" (Bagno, 2014, p. 11), pois é por meio dela que os indivíduos se compreendem mutuamente, constroem laços sociais e consolidam sua identidade coletiva.

Segundo Saussure (2006, p. 16), "a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro". O autor afirma ainda que "a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado" (Saussure, 2006, p. 16). Assim, Saussure compreende a linguagem como um fenômeno complexo e dinâmico, que envolve tanto aspectos sociais quanto individuais.

Por esse motivo que o ensino de Língua Portuguesa não pode ignorar o sujeito (o lado individual) em prol apenas da norma (o lado social/sistema), sob o risco de deslegitimar a própria natureza dinâmica da linguagem, que é, por definição, um produto histórico em constante evolução.

O autor discute, ainda, que "a linguagem é multiforme e heteróclita", pois apresenta diferentes dimensões: "ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence ao domínio individual e ao domínio social" (Saussure, 2006, p. 17). Essa multiplicidade revela que a linguagem não pode ser reduzida a um único aspecto, já que está presente tanto nas estruturas mentais quanto nas práticas sociais.

Ao caracterizar a linguagem como multiforme e heteróclita, Saussure (2006) reconhece a impossibilidade de reduzi-la a uma perspectiva única ou puramente normativa. No contexto deste estudo, tal definição é crucial para desconstruir a visão de que a língua seria um conjunto estático de regras, revelando-a, em vez disso, como um fenômeno complexo que acolhe a diversidade e as variações como partes integrantes de sua própria constituição.

Dentro da linguagem, Saussure distingue dois elementos fundamentais: a língua e a fala. Ele explica que:

> A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 2006, p. 17).

Ao compreender a língua como um produto social, torna-se evidente que qualquer variedade linguística, incluindo a fala popular retratada por Patativa do Assaré, constitui um sistema legítimo de convenções que permite ao indivíduo exercer sua capacidade de comunicação. Assim, o ensino de Língua Portuguesa deve reconhecer que a norma padrão é apenas uma dessas convenções sociais, e que a estigmatização de outras variedades representa uma negação do próprio caráter social e essencial da língua.

Além disso, o autor ressalta que “a língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem” (Saussure, 2006, p. 17). Assim, a língua é o elemento estruturante da linguagem, funcionando como um sistema organizado de signos que permite a compreensão mútua entre os indivíduos.

No entanto, embora apresente certa estabilidade dentro de uma comunidade linguística, por seguir convenções socialmente compartilhadas, a língua é, também, viva e está em constante transformação, modificando-se ao longo do tempo conforme as necessidades e usos sociais dos falantes.

Segundo Saussure (2006, p. 17), a língua é “um sistema de signos”, ou seja, um conjunto de elementos habituais que relacionam significante e significado, permitindo a construção de sentidos. Contudo, para que esse sistema ganhe vida, é necessário o ato individual da fala. Nesse sentido, como afirma o autor “para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (Saussure, 2006, p. 17).

Com essa afirmação, Saussure destaca que, para compreender a língua, é preciso observar o ato individual da fala, pois é por meio dela que a língua se manifesta de forma concreta. Assim, a fala revela como cada indivíduo utiliza a língua para expressar seus pensamentos, tornando-a viva e dinâmica no processo de comunicação.

Ao afirmar a necessidade de estar diante do ato individual para compreender a esfera da língua, Saussure (2006) estabelece, ainda, uma ponte essencial entre o sujeito e o sistema. Essa perspectiva é relevante para este trabalho, pois desloca o eixo do ensino da pura abstração gramatical para a realidade viva da fala. No contexto desta pesquisa, o poema de Patativa do Assaré é tratado justamente como esse ato individual que permite acessar um sistema linguístico rico e coerente, desafiando a visão de que variações populares seriam apenas erros e reafirmando-as como partes constituintes da comunicação humana.

De modo complementar, Fiorin (2007, p. 8) afirma que “assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação”. Desse modo, a linguagem, a língua e a fala são elementos fundamentais para a vida em sociedade, pois permitem a interação, a transmissão de saberes e a construção de identidades.

Ao tratar a língua como um objeto de estudo, a escola permite que o aluno veja as variedades não como desvios, mas como sistemas linguísticos dotados de regras e funcionalidades próprias, promovendo uma postura investigativa e crítica em sala de aula. Portanto, a linguagem, a língua e a fala, embora apresentem características distintas, são

elementos inseparáveis, pois juntos revelam o funcionamento da comunicação humana e a forma como os sujeitos se inserem e interagem na sociedade.

Essa interdependência revela que a língua não é apenas um código de transmissão de informações, mas um reflexo da identidade do falante. Assim, ao considerar o sistema (língua) e o uso (fala), compreende-se que o apagamento de determinadas variações linguísticas no ambiente escolar não atinge apenas a gramática, mas a própria existência social do estudante e sua capacidade de interagir plenamente no mundo.

2.2. A Sociolinguística educacional no ensino de Língua Portuguesa

A Sociolinguística Educacional emerge como uma área fundamental para compreender e transformar as práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no que se refere ao tratamento das variações linguísticas em sala de aula. Diante disso, vale destacar Bortoni-Ricardo (2014, p. 158) ao afirmar que: “Denominei Sociolinguística educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas”.

Essa disciplina busca estabelecer uma conexão entre os conhecimentos sociolinguísticos e a aplicação no contexto educacional, proporcionando aos educadores ferramentas teóricas e metodológicas para uma abordagem mais inclusiva e democrática da língua. Assim, essa área do conhecimento reconhece que a escola é um espaço de encontro entre variedades linguísticas, onde coexistem a norma culta, as variedades populares e regionais.

O educador, na perspectiva da Sociolinguística Educacional, assume o papel de mediador entre as variedades linguísticas presentes em sala de aula. Bortoni-Ricardo (2014) enfatiza que o professor deve desenvolver uma competência sociolinguística que lhe permita identificar, compreender e trabalhar pedagogicamente com a diversidade linguística de seus alunos.

Essa competência envolve não apenas o conhecimento teórico sobre as variações linguísticas, mas também a habilidade prática de criar estratégias pedagógicas que promovam o respeito pela diversidade e o combate ao preconceito linguístico. Como observa a autora, o professor deve ser capaz de “mostrar aos alunos que existem duas gramáticas na língua portuguesa: uma gramática que eles já dominam, e outra que eles devem aprender na escola” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 73).

Dessa forma, ao estabelecer que o aluno já possui o domínio de uma gramática materna, a autora desloca o eixo do ensino do concerto da língua para a ampliação do repertório linguístico. Com isso, a aplicação dos princípios da Sociolinguística Educacional demanda estratégias pedagógicas específicas que contemplem a diversidade linguística como recurso educativo.

Nesse sentido, Marcos Bagno propõe a pedagogia da variação:

> É precisamente em torno disso que devemos lutar para criar uma pedagogia da variação e da mudança lingüística, uma reeducação sociolingüística, em que a língua seja sempre vista como heterogênea, variável e mutante, sujeita às vicissitudes e peripécias da vida em sociedade (Bagno, 2007, p.116).

Sendo assim, essa pedagogia consiste em apresentar, aos alunos, as diferentes possibilidades de uso da língua, contextualizando cada variedade em sua função social específica. Desse modo, Bagno (2007, p. 48) propõe, ainda, que "toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada."

Portanto, o tratamento dos considerados erros deve ser repensado, distinguindo entre erros propriamente ditos e diferenças linguísticas, além de desenvolver nos alunos a capacidade de monitorar seu próprio estilo linguístico, adequando-o ao contexto comunicativo. A incorporação desses pressupostos ao currículo de Língua Portuguesa implica uma reformulação das práticas tradicionais de ensino.

Como sugere Bortoni-Ricardo (2004), é necessário abandonar a visão monolítica da língua e adotar uma perspectiva que reconheça e valorize a pluralidade linguística. No cotidiano da sala de aula, isso se traduz em atividades que explorem textos de variedades linguísticas, discussões sobre adequação aos contextos comunicativos e projetos que valorizem a cultura local dos alunos. Assim, o trabalho com textos como *O poeta da roça*, de Patativa do Assaré, exemplifica essa abordagem, permitindo aos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental compreender a riqueza e legitimidade da variação linguística regional.

Embora a implementação efetiva da Sociolinguística Educacional enfrente desafios, como a necessidade de formação continuada dos professores e revisão dos materiais didáticos, as perspectivas são promissoras. Bortoni-Ricardo (2004) destaca o potencial transformador dessa abordagem no combate ao preconceito linguístico e na promoção de uma educação mais inclusiva e democrática.

A Sociolinguística Educacional oferece, ao ensino de Língua Portuguesa, a possibilidade de se tornar um espaço de valorização da diversidade cultural e linguística, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos em relação às diferenças.

2.3. Variações linguísticas: a heterogeneidade como marca da vitalidade da língua

A língua é um fenômeno social em constante transformação; ela muda conforme o tempo, o espaço e o grupo social que a utiliza, refletindo os modos de vida, os valores e as identidades dos falantes. Por esse motivo, não existe uma única forma "certa" de falar, e sim múltiplas maneiras legítimas de uso da língua.

William Labov, considerado o fundador da Sociolinguística Vaciacionista, demonstrou que as variações linguísticas seguem padrões determinados por fatores sociais e culturais. Em suas pesquisas, ele mostrou que "a variação linguística é sistemática e socialmente estruturada" (Labov, 2008, p. 14). Assim, a fala acompanha o comportamento social dos indivíduos e nenhuma variedade linguística deve ser considerada inferior.

Ao demonstrar que a variação é sistemática e socialmente estruturada, o autor retira a fala popular do campo do erro e a posiciona no campo da regra. No contexto da análise do poema de Patativa do Assaré, os pressupostos labovianos permitem que o educador apresente que a variação não é um sinal de deficiência cognitiva, mas uma manifestação da complexa organização social e cultural do falante.

De acordo com Bagno (2007), as variações linguísticas podem ser classificadas em quatro principais tipos: regional (diatópica), social (diastrática), situacional (diafásica) e histórica (diacrônica), como explicita a seguir:

> Variação diatópica é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. [...] variação diastrática é a que se verifica na comparação entre modos de falar das diferentes classes sociais, [...] variação diafásica é a variação estilística [...], isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal, [...] variação diacrônica é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua (Bagno, 2007, p. 46-47).

Esses tipos de variações demonstram que a língua é viva, dinâmica e plural, acompanhando as transformações da sociedade e das relações humanas. Reflexões como essas encontram eco na literatura popular brasileira, especialmente na obra *O Poeta da Roça*, de Patativa do Assaré.

Convém destacar que o poeta cearense se tornou símbolo da valorização da fala popular nordestina, retratando com orgulho a linguagem e o modo de vida do sertanejo. Sua poesia reafirma a identidade linguística e cultural do povo do campo, mostrando que o modo simples de falar também carrega poesia, sabedoria e resistência. A linguagem utilizada por Patativa não busca se adequar à norma-padrão, mas expressar com autenticidade o modo de falar de seu povo.

No contexto educacional, trabalhar obras, como *O Poeta da Roça,* torna-se uma oportunidade de reconhecer e valorizar a diversidade linguística dos alunos, mostrando que seu modo de falar também é importante e digno de respeito. Segundo Bagno (2007), ensinar a língua envolve levar o aluno a compreender os diferentes usos da linguagem e a escolher, de forma consciente, o mais adequado a cada contexto. Sobre essa questão, o autor afirma que:

> Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade. Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar à situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante (Bagno, 2007, p. 129).

Nesse sentido, Bagno (2007) consolida a transição de um ensino prescritivo para um que seja voltado à competência comunicativa. Assim, ao capacitar o aluno a discernir as variedades linguísticas, o educador não silencia a voz materna do estudante, mas amplia suas possibilidades de usos da língua de acordo com o contexto e sua atuação social.

Na sequência didática proposta, essa perspectiva orienta a análise do poema de Patativa do Assaré como um exercício de alteridade e consciência, onde o aluno aprende a valorizar a variante regional/social do poeta e, ao mesmo tempo, compreende a importância de dominar diferentes registros para transitar, com autonomia, em diversas esferas da sociedade.

Assim, tanto as ideias defendidas pela Sociolinguística Variacionista laboviana quanto a poesia de Patativa do Assaré mostram que a variação linguística é um reflexo da diversidade social e cultural do povo. A língua, sendo viva e plural, expressa identidades, histórias e modos de ser. Reconhecer essa diversidade é essencial para combater o preconceito linguístico e valorizar a riqueza da língua portuguesa falada em todo o Brasil.

2.4. Preconceito linguístico

O preconceito linguístico é uma questão que merece uma atenção especial, principalmente no ambiente escolar, onde a diversidade de formas de expressão deveriam ser valorizadas e respeitadas. Com frequência, as instituições escolares tendem a priorizar o ensino da norma culta, desconsiderando as variações sociolinguísticas presentes entre os alunos.

Essa dinâmica acaba por reforçar estigmas e desvalorizar as identidades culturais e linguísticas dos estudantes. É fundamental que a escola se torne um espaço de conscientização sobre a variação linguística, promovendo o respeito às diferentes formas de falar e à riqueza cultural que elas representam.

Assim, quando os alunos compreendem que não existe uma forma única e "correta" de falar, mas sim diferentes maneiras de se expressar, eles desenvolvem um olhar mais empático e inclusivo, contribuindo para a redução do preconceito linguístico. Dessa maneira, ao trabalhar com textos que evidenciem a diversidade linguística, é possível mostrar aos alunos como os fatores sociais, culturais e regionais influenciam a linguagem positivamente.

Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também ajuda os estudantes a valorizarem as diferentes formas de expressão presentes em sua comunidade e no mundo, promovendo uma convivência mais respeitosa e igualitária. Como destaca Campos:

> Podemos concluir, portanto, que se o professor ensina gramática baseando-se nos usos orais e escritos da língua; se tem por objetivo a aprendizagem por seus alunos da variedade culta ou padrão; se considera nas atividades que desenvolve as relações desta com outras variedades da língua; se não recorre à noção de erro para se referir à fala dos alunos que trazem para a escola uma variedade diferente daquela que quer ensinar; então pode-se dizer que sua atuação se afasta da noção de gramática normativa e se linha com ideia de gramática como sistema que organiza a língua de maneira tão bem articulada mas ao mesmo tempo tão flexível, que mudanças, variações e instabilidades não são fenômenos alheios a sua estruturação formal, mas se constituem em recursos que contribuem para o funcionamento da língua (Campos, 2014, p.34).

Sendo assim, as práticas pedagógicas devem ser flexíveis e sensíveis à realidade dos educandos, valorizando os usos orais e escritos da língua em suas múltiplas formas. Agir dessa forma exige do docente reconhecer os repertórios linguísticos diversos que os alunos trazem de seus contextos familiares e culturais. Em vez de ignorar essas expressões, a escola deve acolhê-las como ponto de partida para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Trabalhar com a pluralidade linguística amplia o acesso ao conhecimento, fortalece a autoestima dos estudantes e favorece vínculos entre escola e comunidade. Essa valorização da diversidade torna o aprendizado mais significativo e contribui para a formação de cidadãos conscientes, preparados para viver em uma sociedade plural.

Discutir o preconceito linguístico e valorizar a diversidade de fala é essencial para construir um ambiente escolar inclusivo, onde todos se sintam respeitados e seguros para se expressar. Ao reconhecer que a linguagem reflete vivências sociais e culturais, a escola promove, então, uma educação mais democrática e acolhedora. Diante disso, atividades que envolvem diferentes registros e variedades linguísticas tornam o ensino mais representativo e menos excludente. Aos educadores, é preciso que haja o compromisso de fomentar essa consciência, ajudando os alunos a enxergar a língua como instrumento de comunicação e não como barreira.

Nesse sentido, a Unidade 1 do livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, de Marcos Bagno (2007), apresenta uma análise crítica sobre os mitos que sustentam o preconceito linguístico no Brasil. O autor desconstrói oito ideias preconcebidas que perpetuam a exclusão social e a desvalorização das variedades linguísticas presentes no país.

Ao evidenciar como tais mitos são disseminados por instituições educacionais, meios de comunicação e discursos normativos, Bagno (2007) convida o leitor a refletir sobre o papel da linguagem na construção das desigualdades sociais. Sua abordagem não apenas denuncia a marginalização das formas populares de fala, mas também propõe uma valorização da diversidade linguística como expressão legítima da identidade cultural e da cidadania.

No mito nº 1: "A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente", Bagno (2007) refuta a ideia de que o português falado no Brasil é homogêneo, destacando que a diversidade linguística é resultado da extensão territorial e das desigualdades sociais. Ele afirma que "[...] no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade" (Bagno, 2007, p. 15).

Essa diversidade é frequentemente ignorada pela escola, que tenta impor uma norma única, desconsiderando as diferenças regionais e sociais. Assim, entende-se que a língua é uma atividade social, e, obrigatoriamente, será diversa, pois a sociedade é plural. Ignorar é transformar o ensino de língua em uma ferramenta de exclusão social.

No mito nº 2: "Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português", o autor critica o complexo de inferioridade que leva muitos brasileiros a acreditarem que o português falado no Brasil é inferior ao de Portugal. Bagno argumenta que "o brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal" (Bagno, 2007, p. 23). Ele defende que o português brasileiro possui características próprias e não deve ser comparado ao português europeu como um modelo ideal. Ao validar o português brasileiro, Bagno está, na verdade, validando a própria identidade do povo brasileiro.

No mito nº 3: “Português é muito difícil”, Bagno atribui a percepção de dificuldade do português ao ensino tradicional, que se baseia na gramática normativa de Portugal, desconsiderando o uso real da língua no Brasil. Segundo o autor, “[...]achamos que português é uma língua difícil: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós” (Bagno, 2007, p. 35). Com isso, o autor propõe que o ensino da língua seja mais conectado à realidade dos falantes.

O mito nº 4: “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, reflete o preconceito social contra as classes menos favorecidas, cujas variedades linguísticas são frequentemente estigmatizadas. Bagno explica que “se dizer *Cráudia, praca, pranta* é considerado ‘errado’, e, por outro lado, dizer *frouxo, escravo, branco, praga* é considerado ‘certo’, isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política” (Bagno, 2007, p. 42). Ele destaca que o preconceito linguístico é, na verdade, uma extensão do preconceito social.

Com esse mito, Bagno ensina que ser poliglota em sua própria língua é entender que todas as variedades têm valor. A lição, nesse momento, se dá a partir da reflexão sobre ética e respeito, visto que a educação não deve servir para corrigir o aluno como se ele fosse errado, mas para lhe dar acesso a uma nova variante (a culta) sem que ele precise desprezar a sua origem.

No mito nº 5: “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, Bagno desmistifica a ideia de que o Maranhão seja o local onde se fala o “melhor português” no Brasil, mostrando que essa crença está baseada em um arcaísmo linguístico. Ele afirma que “[...] os mesmos maranhenses que dizem *tu és, tu vais, tu foste, tu quiseste*, também dizem: *Esse é um bom livro para ti ler, em vez da forma ‘correta’, esse é um bom livro para tu leres*” (Bagno, 2007, p. 46).

Com a reflexão sobre o mito nº 5, Bagno reforça que não há uma variedade linguística intrinsecamente superior às outras; todas as variedades linguísticas (seja o falar maranhense ou outro) são sistemas complexos e completos, capazes de expressar qualquer pensamento. Nenhuma é superior; a superioridade é sempre um rótulo social imposto por quem detém o poder.

No mito nº 6: “O certo é falar assim porque se escreve assim”, o autor critica a supervalorização da língua escrita em detrimento da falada, destacando que a escrita é apenas uma tentativa de representar graficamente a fala. Bagno afirma que “[...] existe uma tendência muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português” (Bagno, 2007, p. 52).

Dessa forma, quando Bagno defende que a variação linguística é natural e deve ser respeitada, ele está defendendo que a escola aceite que o aluno fale de acordo com o seu dialeto regional e social. O papel da escola não é corrigir a pronúncia para que ela combine com o papel, mas ensinar ao aluno que existe uma convenção gráfica para a escrita e uma realidade sonora para a comunicação oral.

No mito nº 7: "É preciso saber gramática para falar e escrever bem", Bagno refuta a ideia de que o domínio da gramática normativa seja essencial para o bom uso da língua. Ele argumenta que "[...] se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática" (Bagno, 2007, p. 62).

Nesse sentido, Bagno não sugere que a gramática deva ser abolida, mas sim que ela deve ser um meio e não um fim, pois o ensino gramatical tradicional, muitas vezes, inibe a expressão livre e autêntica dos alunos. Dessa forma, o ensino deve ser voltado para a produção de sentidos.

Por fim, no mito nº 8: "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social", Bagno critica a crença de que o domínio da norma culta seja suficiente para promover a ascensão social. Ele afirma que "achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela 'suba na vida' é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana" (Bagno, 2007, p. 70).

Para Bagno, a escola deve, sim, ensinar a norma culta (pois ela é um direito do cidadão para circular em certos espaços), mas deve fazer isso com consciência. O autor argumenta que a transformação social depende de mudanças estruturais mais profundas, e não apenas do ensino da norma culta.

O Mito nº 8 encerra a obra com um choque de realidade. Bagno lembra que dominar a norma culta é importante e é um direito de todos, mas vendê-la como a solução única para a desigualdade é uma forma de higienismo social que mascara os verdadeiros problemas do Brasil.

Em síntese, os oito mitos apresentados por Marcos Bagno (2007) revelam como o preconceito linguístico está profundamente enraizado na cultura brasileira, funcionando como um mecanismo de exclusão social e marginalização de grande parte da população. Ao desmistificar essas ideias, o autor faz uma reflexão sobre a necessidade de uma mudança de paradigma no ensino e na compreensão da língua portuguesa, promovendo o respeito às diferentes formas de expressão e reconhecendo a riqueza da diversidade linguística do país.

Dessa forma, é necessário desconstruir esses mitos para promover uma visão mais inclusiva e democrática da língua portuguesa. Somente ao romper com esses mitos será possível construir uma sociedade mais igualitária, onde a língua seja vista como um instrumento de identidade, valorização e empoderamento, e não como uma barreira que perpetua desigualdades.

Ainda no livro, especificamente na Unidade 3 (*Preconceito Linguístico: o que é, como se faz)*, Marcos Bagno (2007) propõe caminhos para a desconstrução do preconceito linguístico. O autor defende que, para romper com o círculo vicioso do preconceito, é necessário reconhecer a crise no ensino da Língua Portuguesa, e não na língua em si, adotando uma mudança de atitude e repensar o que significa ensinar português.

Nesse sentido, o autor faz o seguinte apontamento:

> [...] existe atualmente uma crise no ensino da língua portuguesa. Muitos professores, alertados em debates e conferências ou pela leitura de bons textos científicos, já não recorrem tão exclusivamente à gramática normativa como única fonte de explicação para os fenômenos lingüísticos. Por outro lado, sentem falta de outros instrumentos didáticos que possam, senão substituir, ao menos complementar criticamente os compêndios gramaticais tradicionais. Muita gente acredita e defende que é a norma culta que deve constituir o objeto de ensino/aprendizagem em sala de aula (Bagno, 2007, p. 96).

Essa abordagem está diretamente conectada aos mitos apresentados anteriormente, pois busca transformar a visão tradicional e excludente da língua em uma prática pedagógica mais inclusiva e democrática. Ao afirmar a existência da crise no ensino, o autor destaca que a escola ao invés de ser um espaço de inclusão, muitas vezes reforça a exclusão social ao desvalorizar as variedades linguísticas dos alunos.

Nesse sentido, o autor traz as seguintes proposições quanto às motivações que fazem com que essa realidade continue vigente:

> Podemos identificar três problemas básicos a esse respeito. Primeiro, e mais óbvio, a quantidade injustificável de analfabetos que existe neste país. Estatísticas oficiais, do IBGE, falam de 18 a 20 milhões de analfabetos com mais de 15 anos de idade — duas vezes a população de Portugal! Some-se a isso os milhões de crianças em idade escolar que não freqüentam nenhuma escola. Temos também um alto índice de analfabetos funcionais, isto é, pessoas que freqüentaram a escola por um período insuficiente para desenvolver plenamente as habilidades de leitura e redação. [...] Segundo, por razões históricas e culturais, a maioria das pessoas plenamente alfabetizadas não cultivam nem desenvolvem suas habilidades lingüísticas no nível da norma culta. Ler e, sobretudo, escrever não fazem parte da cultura das nossas classes sociais alfabetizadas. [...] Terceiro, o dilema relativo à norma culta se prende ao fato de que esse termo é usado pela tradição gramatical conservadora para designar uma modalidade de língua que, como já vimos na primeira parte deste livro, não corresponde à língua efetivamente usada pelas pessoas cultas do Brasil nos dias de

> hoje, mas sim a um ideal lingüístico inspirado no português de Portugal [...] (Bagno, 2007, p. 97-99).

Para superar o preconceito linguístico, Bagno propõe uma mudança de atitude por parte dos professores e da sociedade em geral. Ele sugere que os educadores abandonem a postura de "REPRODUZIR a tradição gramatical, o professor deve PRODUZIR seu próprio conhecimento da gramática" (Bagno, 2007, p. 116). Isso implica em questionar as regras tradicionais, investigar os fenômenos linguísticos e valorizar o saber intuitivo dos alunos.

Bagno defende, também, que ensinar português não deve ser sinônimo de ensinar gramática normativa de forma mecânica e descontextualizada. Ele critica os métodos tradicionais que priorizam a análise sintática e a memorização de nomenclaturas, afirmando que "o ensino da gramática normativa mais estrita, a obsessão terminológica, a paranoia classificatória, o apego à nomenclatura – nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade culta" (Bagno, 2007, p. 119).

O autor sugere que o ensino da língua seja voltado para a prática e o uso real, permitindo que os alunos se tornem bons usuários da língua, e não apenas conhecedores de regras gramaticais. Outro ponto central na desconstrução do preconceito linguístico é a reavaliação da noção de erro.

Para Bagno "todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua" (Bagno, 2007, p. 124), e que o que é considerado erro pela gramática normativa, muitas vezes reflete apenas a variação natural da língua. Ele sugere que, em vez de rotular essas variações como erros, é necessário compreendê-las como fenômenos linguísticos que têm explicações científicas e que fazem parte da evolução da língua.

Por fim, Bagno apresenta pequenos atos de subversão contra o preconceito linguístico, especialmente no ambiente escolar. O autor defende que os professores devem "assumir uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico teórico e prático" (Bagno, 2007, p. 140). Além disso, é fundamental que os educadores critiquem as práticas tradicionais e promovam um ensino que valorize a diversidade linguística e respeite a identidade dos alunos.

A desconstrução do preconceito linguístico exige uma transformação profunda na forma como a língua é ensinada e compreendida. Por esse motivo, é necessário abandonar as concepções arcaicas e preconceituosas que perpetuam a exclusão social e adotar uma abordagem que valorize a diversidade e a evolução natural da língua.

Como o autor afirma, "ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida,

reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano" (Bagno, 2007, p. 144). Com isso, Bagno faz com que seja possível lembrar que, por trás de cada regra de concordância ou escolha gramatical, existe uma pessoa.

Portanto, ensinar para o bem é, em última análise, um ato de amor e respeito à diversidade. Assim, a língua deve ser uma ponte para o mundo, nunca um muro que separa as pessoas.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa compreende-se como uma atividade voltada à produção de conhecimentos, buscando explicar e compreender fenômenos presentes na realidade. Nesse sentido, "a pesquisa científica é uma atividade humana, cujo objetivo é conhecer e explicar os fenômenos" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 49).

A pesquisa científica utiliza métodos rigorosos para garantir que a explicação não seja apenas uma opinião pessoal do pesquisador, mas algo que possa ser testado e verificado por outros. Quanto à sua natureza, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa básica, uma vez que tem como finalidade gerar conhecimentos voltados à compreensão de aspectos teóricos relacionados à linguagem e à educação, sem aplicação prática imediata. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 61), a pesquisa básica "objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais".

No que diz respeito aos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória, pois busca ampliar a compreensão sobre o preconceito linguístico e as variações da língua no contexto escolar, sem a intenção de comprovar hipóteses previamente estabelecidas. Esse tipo de pesquisa apresenta planejamento flexível, permitindo o estudo do tema sob diferentes perspectivas, envolvendo, principalmente, levantamento bibliográfico e análise de exemplos que favorecem a compreensão do fenômeno investigado, conforme destacam Prodanov e Freitas (2013).

Além disso, a pesquisa também se caracteriza como descritiva, uma vez que busca descrever as características do fenômeno da variação linguística e do preconceito linguístico no ambiente escolar, em específico a partir da análise do texto *O Poeta da Roça,* de Patativa do Assaré, bem como apresentar uma proposta pedagógica voltada à reflexão sobre essas questões. Conforme afirma Gil (2017, p. 32), "as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno". Nesse sentido, esse tipo de pesquisa permite observar e compreender a realidade estudada sem interferência direta do pesquisador.

Em relação aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais já publicados. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 64), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em materiais, como “livros, revistas, publicações em periódicos, artigos científicos, entre outros”. Ressalta-se que este trabalho não envolve pesquisa de campo, limitando-se à proposição de uma intervenção pedagógica fundamentada teoricamente.

Do ponto de vista da abordagem do problema, a pesquisa é de natureza qualitativa, pois busca compreender os fenômenos relacionados à linguagem em sua dimensão social e subjetiva. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 70), na pesquisa qualitativa, há “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

O embasamento teórico deste trabalho apoia-se em autores que discutem a linguagem sob uma perspectiva social, educacional e variacionista, como Bagno (2007; 2014), Saussure (2006), Fiorin (2007), Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2004; 2014), cujas contribuições são fundamentais para a compreensão da variação linguística e do preconceito linguístico no contexto educacional.

Além das obras teóricas, considera-se também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), documento oficial da educação, que orienta o ensino de Língua Portuguesa e fundamenta a elaboração da proposta metodológica, especialmente no que se refere à valorização da diversidade linguística.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica, aliada ao documento oficial da educação, fornece o suporte necessário para fundamentar as reflexões propostas, assegurando que o trabalho esteja alinhado a princípios científicos e pedagógicos, contribuindo para uma compreensão crítica sobre o respeito às diferentes formas de uso da língua no ambiente escolar.

Com base no referencial teórico adotado, propõe-se uma intervenção pedagógica voltada para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de explorar as variações linguísticas e combater o preconceito linguístico por meio da análise do poema *O Poeta da Roça*, de Patativa do Assaré. A proposta está estruturada em forma de sequência didática, organizada em quatro aulas de 45 minutos, podendo ser adaptada, ao contexto e necessidades dos estudantes.

Trata-se de uma proposta de intervenção pedagógica voltada ao contexto escolar, elaborada com base em fundamentos teóricos e orientações educacionais vigentes, não tendo sido aplicada no presente estudo, mas apresenta-se como aplicável ao que se propõe. Dessa forma, sua relevância está na possibilidade de subsidiar práticas pedagógicas voltadas à

valorização da diversidade linguística e ao enfrentamento do preconceito linguístico, contribuindo para uma educação mais inclusiva e reflexiva.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção dedica-se à exposição e análise dos resultados decorrentes da elaboração da proposta metodológica, estruturada a partir da contextualização sobre o cordel, bem como a trajetória do autor, seguida da leitura e interpretação crítica do poema "O Poeta da Roça", de Patativa do Assaré. Em continuidade, descreve-se a sequência didática para o 8º ano do Ensino Fundamental, com ênfase nos objetivos pedagógicos e nas estratégias de ensino-aprendizagem delineadas.

Por fim, procede-se com o alinhamento da proposta, as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), complementando uma discussão crítica que busca evidenciar as contribuições teóricas e potenciais implicações pedagógicas da proposta para o enfrentamento do preconceito linguístico e a valorização das variações linguísticas no contexto escolar.

4.1. Patativa do Assaré e a força cultural do cordel nordestino

A literatura de cordel, como afirma Santos (2024, p. 28-29), "[...] é um gênero de discurso textual profundamente enraizado na cultura brasileira, especialmente na região Nordeste". Essa afirmação evidencia que o cordel não é apenas uma forma de literatura, mas uma manifestação cultural ligada às vivências e à identidade do povo nordestino. Além disso Santos afirma que:

> O cordel é composto por versos que permitem tanto a leitura quanto a performance oral, utilizando um vocabulário acessível e uma estrutura rítmica envolvente. Essa musicalidade é fundamental, pois torna a obra memorável e facilita sua recitação em contextos comunitários, fortalecendo a conexão entre os cordelistas e seu público (Santos, 2024, p. 29).

Nesse sentido, percebe-se que a oralidade, simplicidade da linguagem e o ritmo são elementos essenciais para a circulação e compreensão desse gênero, aproximando-o do cotidiano das pessoas. Além disso, o cordel também exerce uma importante função social, conforme destaca Santos (2024, p. 29), "o cordel não apenas reflete a diversidade linguística e cultural de seus falantes, mas também é um poderoso meio de comunicação e expressão de

identidade social", o que evidencia seu papel na valorização das diferentes formas de fala e das experiências culturais.

Ainda nessa perspectiva, explicita a autora que:

> Este gênero literário é uma forma de expressão literária que dá voz a pessoas historicamente marginalizadas, muitas vezes rotuladas de analfabetas e que não recebem a orientação necessária para alcançar um padrão de vida considerado adequado. Esta visão redutora dos Cordelistas baseia-se muitas vezes na noção de que eram indivíduos analfabetos, ignorando o extenso conhecimento social e ideológico que possuíam (Santos, 2024, p.29).

Ademais, ao longo da história, os cordelistas foram marcados por estigmas relacionados às suas condições sociais, educacionais, econômicas e regionais, o que contribui para a identificação de diferentes variações linguísticas nesse gênero (Santos, 2024). Dessa forma, o cordel se consolida como um espaço de resistência e valorização cultural.

É nesse contexto cultural e social que se insere a produção de Patativa do Assaré, nome artístico de Antônio Gonçalves da Silva, nascido em 1909, no sítio Serra de Santana, no município de Assaré, no Ceará, sendo um dos principais representantes da poesia popular nordestina do século XX. Filho de agricultores, vivenciou desde cedo as dificuldades do sertão e, ainda na infância, perdeu a visão do olho direito em decorrência do sarampo, o que não o impediu de desenvolver sua sensibilidade artística.

Com pouca escolarização formal, aprendeu a ler em poucos meses, mas logo demonstrou talento para a poesia, iniciando-se nos repentes ainda jovem. Seu apelido "Patativa" surgiu pela comparação de sua poesia com o canto da ave patativa, conhecido pela beleza e suavidade, reforçando o caráter lírico de sua obra.

Assim, reforçando o caráter lírico de sua obra, sob a ótica da sociolinguística, sua produção é um convite ao respeito à diversidade. No texto *O Poeta da Roça,* Patativa utiliza a escrita para eternizar a sua fala, transformando o que muitos consideram como erro em uma estética literária.

Sua produção é marcada por uma linguagem simples e pela oralidade, retratando a vida, o sofrimento e as lutas do povo sertanejo, sem nunca abandonar suas origens como agricultor. Nesse sentido, Rosemberg Cariry (2009) destaca que o poeta consegue unir denúncia social e lirismo, pois seus poemas não apenas expressam a realidade do sertão, mas também despertam emoção e reflexão, evidenciando a força transformadora de sua poesia.

Essa combinação entre crítica social e sensibilidade poética permite que a obra dialogue diretamente com o leitor, tornando mais acessíveis as problemáticas vividas pelo povo

sertanejo. Além disso, contribui para a valorização da cultura popular, ao dar visibilidade às experiências e vozes historicamente marginalizadas.

Como exemplo dessa perspectiva, o poema *O poeta da roça*, de Patativa do Assaré, será tomado como base para análise e elaboração da sequência didática proposta neste trabalho, apresentando-se como uma obra carregada de identidade, onde o autor celebra a origem humilde e a cultura nordestina. Patativa~~,~~ retrata a vida do homem no interior, suas lutas, alegrias, paixões e desafios da vida sertaneja. O poema evidencia como a poesia rural não é apenas uma forma de expressão artística, mas também uma manifestação de resistência cultural, preservando valores e identidades diante das dificuldades da seca, da pobreza e das jornadas árduas do sertanejo.

Diante disso, é perceptível a relevância que essa obra tem na sociedade e a influência que ela pode ter quando trabalhada em sala de aula, pois dá espaço para rodas de debates acerca das variedades linguísticas e, consequentemente, sobre o preconceito linguístico, que é recorrente e precisa urgente ser tratado e discutido em sala de aula. Portanto, o poema pode ser utilizado como instrumento de combate ao preconceito linguístico, além de valorizar espaços que são marginalizados por uma parcela da sociedade.

4.2. Sequência didática: cordel em sala de aula – práticas de valorização linguística

A proposta pedagógica será desenvolvida em 4 aulas de 45 minutos cada, entretanto, podendo ser adaptada, a depender do desenvolvimento e engajamento dos alunos. A primeira aula começará com uma conversa inicial sobre as diferentes formas de falar presentes no cotidiano dos estudantes. Os alunos serão convidados a compartilhar palavras, expressões e modos de falar característicos de sua comunidade, refletindo sobre situações em que já ouviram críticas ou comentários relacionados à maneira como falam. Essa atividade tem como objetivo valorizar os conhecimentos linguísticos prévios dos estudantes e aproximar a discussão sobre variação linguística de sua realidade.

Em seguida, será realizada a apresentação de Patativa do Assaré, destacando sua relevância na literatura de cordel e na valorização da linguagem popular. Posteriormente, a leitura expressiva do poema O Poeta da Roça permitirá explorar o ritmo, a musicalidade e a oralidade presentes no texto. Para finalizar, os alunos realizarão uma análise colaborativa, identificando variações linguísticas, como regionalismos e construções sintáticas particulares, discutindo seus significados e contextos de uso.

Na segunda aula, uma roda de conversa promoverá reflexões sobre as variações linguísticas e sua relação com identidade cultural. Posteriormente, será realizada uma discussão sobre preconceito linguístico, abordando suas origens, impactos e formas de enfrentamento. Questões norteadoras guiarão o debate, incentivando os alunos a analisarem como a valorização da diversidade linguística contribui para um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

A terceira aula será dedicada à produção de poemas autorais. Inicialmente, haverá uma orientação para a produção textual, motivando os alunos a explorarem variações linguísticas em suas próprias criações. Na etapa seguinte, os estudantes se dedicarão à escrita, com o professor oferecendo suporte.

Na quarta e última aula, para concluir, será realizado um momento de compartilhamento dos poemas, permitindo que os alunos expressem suas identidades linguísticas e promovam a valorização da diversidade. Ao final da aula, uma reflexão coletiva reforçará o papel da linguagem na construção da identidade e no combate ao preconceito linguístico.

Concluída a implementação da proposta pedagógica metodológica, será elaborado um relato de experiência com o intuito de refletir criticamente sobre o processo vivenciado em sala de aula. Para tanto, o texto abordará os desdobramentos das atividades, os desafios enfrentados, as respostas dos alunos e os efeitos observados na construção de uma consciência linguística mais inclusiva. A intenção é registrar, de forma sensível e analítica, como a valorização das variações linguísticas e da literatura de cordel contribuem para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes e enfrentamento do preconceito linguístico no ambiente escolar.

4.3. Eixos de análise do poema

A leitura do poema *O Poeta da Roça*, de Patativa do Assaré, evidencia uma linguagem marcada pela oralidade, aproximando o texto falado do homem do campo. Expressões como “Sou fio das mata” e “Trabaio na roça” não apenas reproduzem um modo de falar, mas constroem a identidade do sujeito rural, revelando sua vivência, origem e lugar social. Nesse sentido, a linguagem do poema pode ser compreendida como uma forma de performance, pois o eu lírico não apenas narra, mas se apresenta e afirma-se por meio da palavra.

Essa valorização da oralidade está diretamente relacionada à literatura de cordel, que historicamente se constitui como espaço de expressão das camadas populares. Como afirma Santos (2024, p. 30), “A produção de cordéis, portanto, pode ser vista como um ato de afirmação identitária e cultural, onde a oralidade é valorizada e respeitada. Essa resistência é crucial em contextos onde as vozes populares são frequentemente subalternizadas”.

Diante disso, a oralidade e a performance em *O Poeta da Roça* ultrapassam a dimensão estética e assumem um papel social e político. Por conseguinte, ao valorizar uma forma de falar frequentemente deslegitimada, o poema contribui para o reconhecimento de identidades marginalizadas. Essa compreensão é fundamental para o contexto educacional, pois possibilita uma abordagem da língua que respeita a diversidade linguística e promove a inclusão, alinhando-se a uma perspectiva de justiça social.

Gêneros, como a literatura de cordel, contribuem para romper a perspectiva de que a oralidade é vista como inferior e informal, enquanto a escrita é considerada mais prestigiada e correta. Conforme Santos "a linguagem falada é frequentemente considerada inferior à escrita formal devido à sua fluidez e espontaneidade, mas a literatura de cordel desconstrói essa visão" (2024, p. 38). Assim, torna-se fundamental compreender a oralidade como uma forma válida e legítima de expressão linguística. Além disso, Santos (2024, p.29) conclui que o cordel "dá voz a pessoas historicamente marginalizadas".

Nesse contexto, o professor assume um papel fundamental como mediador no processo de ensino-aprendizagem, ao promover práticas que valorizem a diversidade linguística e cultural dos alunos. Ao trabalhar com gêneros, como o cordel, o docente contribui para ampliar as possibilidades de leitura e produção textual, incentivando a participação ativa dos estudantes.

A trajetória de Patativa do Assaré é marcada pela integração entre memória, oralidade e escrita; sua produção poética é feita para ser ouvida, vivenciada e compartilhada, mas a escrita serve como guardiã da memória. O poeta legitima o dialeto sertanejo ao utilizar marcas de oralidade e regionalismos em seu texto, como "fio" (filho), "mío" (milho), "pachola" (presunçoso) e "sodade" (saudade). Essas escolhas linguísticas desafiam o padrão imposto pelas elites culturais e valorizam o modo de falar do sertanejo nordestino.

O enfrentamento ao estigma é evidenciado quando o poeta afirma que seu "verso rastêro" não entra no "rico salão", mostrando como a linguagem pode funcionar como barreira de exclusão social e espacial. Patativa reconhece que sua expressão, marcada pelo dialeto e oralidade, é marginalizada, mas reivindica o valor e a autenticidade de sua voz; logo, sua poética desafia o preconceito linguístico, legitimando o modo de falar do sertanejo e enfrentando o estigma imposto pelas elites.

Apesar de "assiná apenas o nome", Patativa demonstra autoridade para cantar as "verdade das coisa do Norte". Sua autonomia discursiva se manifesta na capacidade de narrar as dores, esperanças e resistências do povo sertanejo, legitimando sua voz como instrumento de denúncia e transformação social. O poeta assume o lugar de fala de uma coletividade,

tornando-se porta-voz dos trabalhadores rurais, vaqueiros, agricultores e demais sujeitos marginalizados.

Assim, os eixos detalhados nesta seção revelam a importância da poética de Patativa do Assaré como instrumento de resistência, valorização da identidade, combate ao preconceito linguístico e preservação da memória coletiva. Cada eixo/temática é exemplificado(a) na trajetória e na obra do poeta, evidenciando sua relevância para a formação de uma consciência crítica e para o empoderamento dos sujeitos subalternos.

4.4. Resultados esperados da proposta didática em consonância com a BNCC

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), todos os alunos da Educação Básica brasileira têm o direito de aprender. Nesse sentido, a BNCC atua como um documento normativo que orienta a prática pedagógica, servindo como guia tanto para escolas públicas quanto privadas, com o objetivo de garantir a equidade educacional.

Considerando que o presente trabalho aborda a variação linguística, entendida como as diversas maneiras de se falar a Língua Portuguesa, destaca-se, na BNCC (2018), o campo dos conhecimentos linguísticos. Nessa perspectiva, a proposta didática apresentada neste estudo volta-se especificamente para o trabalho com a variação linguística, conforme orienta o documento:

> Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças […] discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (Brasil, 2018, p. 83).

Além disso, a BNCC apresenta competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental que devem ser desenvolvidas ao longo do percurso escolar dos alunos. Dentre elas, destacam-se:

> 1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso […]
> 2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social, utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participação na cultura letrada […]
> 3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos […]
> 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (Brasil, 2018, p. 87).

Nesse contexto, ao trabalhar o poema *O Poeta da Roça*, de Patativa do Assaré, com foco na discussão do preconceito linguístico e na produção textual dos alunos, a proposta contempla diretamente essas competências, especialmente no que se refere à compreensão da língua como fenômeno social e à valorização das diferentes formas de expressão.

No que se refere às habilidades, a proposta também se fundamenta no eixo da leitura, conforme indicado pela BNCC: "(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo) […]" (Brasil, 2018, p. 159). Além disso, contempla a habilidade relacionada à produção textual, tendo em vista que os alunos são levados a produzir seus próprios textos: "(EF69LP50) Elaborar texto […] explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões)" (BNCC, 2018, p. 159).

No eixo da análise linguística, a proposta dialoga diretamente com as habilidades voltadas à variação linguística, especialmente: "(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico" e "(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada" (Brasil, 2018, p. 160).

Essa organização permite que as habilidades previstas na BNCC (EF69LP55 e EF69LP56) sejam trabalhadas de forma articulada, partindo da análise do texto literário para a reflexão crítica sobre a linguagem e a produção de novos discursos pelos alunos. Por fim, destaca-se o eixo dos conhecimentos linguísticos, que, de acordo com o documento: "Consolida-se pelas práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua, sempre de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas de oralidade, leitura e escrita […]" (Brasil, 2018, p. 245).

Assim, a proposta didática apresentada evidencia o alinhamento com as orientações da Base Nacional Comum Curricular, ao priorizar uma abordagem que valoriza a diversidade linguística e promove a reflexão crítica dos alunos sobre a linguagem. A proposta metodológica, voltada ao trabalho com as variações linguísticas no contexto do 8º ano do Ensino Fundamental, revela-se fundamental para a construção de uma educação linguística mais inclusiva e crítica. Ao tomar como base teórica os estudos de Marcos Bagno (2007), especialmente no que se refere ao combate ao preconceito linguístico, a proposta busca desconstruir a ideia de que existe uma única forma "correta" de falar a língua portuguesa.

Nesse sentido, a escola passa a desempenhar um papel essencial na valorização da diversidade linguística, promovendo o respeito às diferentes formas de expressão dos alunos, que refletem suas identidades sociais, culturais e regionais. Além disso, ao abordar o tema de

maneira reflexiva, contribui-se para o desenvolvimento da consciência linguística dos estudantes, ampliando sua compreensão sobre o funcionamento da língua em diferentes contextos de uso.

Espera-se, como resultado desta proposta, que os alunos desenvolvam uma postura mais crítica e respeitosa diante das variações linguísticas, reconhecendo-as como fenômenos naturais e legítimos da língua. Além disso, pretende-se reduzir atitudes preconceituosas relacionadas ao modo de falar, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e democrático.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho mostram que a literatura de cordel, especialmente na obra de Patativa do Assaré, constitui um caminho pedagógico relevante para a valorização das variações linguísticas e para o enfrentamento do preconceito linguístico no âmbito escolar. A sequência didática elaborada indica que, ao integrar teoria e prática, há condições de promover aprendizagens que ultrapassem o conhecimento formal da língua e alcancem aspectos identitários e culturais.

Nesse sentido, o cordel se apresenta não apenas como objeto de estudo, mas como meio de resistência, memória e afirmação de vozes historicamente marginalizadas. Conclui-se, portanto, que a proposta pedagógica aqui apresentada, ainda em fase de planejamento e futura aplicação, tem condições de contribuir para a formação de uma consciência linguística mais crítica e inclusiva, em consonância com as competências previstas pela BNCC.

Assim, o estudo não se restringe ao ensino de conteúdos linguísticos, mas também contribui para a formação cidadã dos alunos, ajudando-os a se tornarem mais conscientes diante da diversidade cultural e linguística presente na sociedade. Destarte, ao incentivar a produção própria e o diálogo sobre diversidade, identidade e oralidade, espera-se que a experiência reafirme o papel da escola como espaço de acolhimento e transformação social.

Portanto, com base na proposta apresentada, cujo objetivo foi desenvolver uma metodologia para o ensino das variações linguísticas no 8º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, verifica-se que o objetivo geral foi alcançado. Por meio da análise do poema O Poeta da Roça, constatou-se a possibilidade de trabalhar as variações linguísticas diatópica e diastrática de maneira significativa e contextualizada no ambiente escolar.

Os objetivos específicos também foram atingidos, uma vez que foi possível discutir as variações linguísticas regional e social no contexto educacional, analisar os recursos expressivos presentes no poema O Poeta da Roça, elaborar atividades pedagógicas voltadas

para a temática, estimular a produção textual autoral dos estudantes e propor uma metodologia de ensino das variações linguísticas direcionada aos anos finais do Ensino Fundamental, com enfoque em práticas inclusivas.

Dessa forma, conclui-se que a proposta apresentada contribui para a valorização da diversidade linguística e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam o respeito às diferentes formas de uso da língua, favorecendo uma aprendizagem mais crítica, reflexiva e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. O poeta da roça. In: ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração nordestina**. Rio de Janeiro: Borsói, 1956. p. 89.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática**: orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia: Cânone Editorial, 2014.

CARIRY, Rosemberg. Patativa - o poeta do Brasil. In: ARRUDA, Inácio (org.). **Patativa.** Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos, 2009. p. 12-26. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385447. Acesso em: 05 maio 2026.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística I**: objetos teóricos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

SANTOS, Vanda da Silva. **Variação linguística e oralidade no gênero textual cordel**: estratégias para a desconstrução do preconceito linguístico no ensino de Língua Portuguesa. 2024. Monografia (Licenciatura Plena em Letras Português) – Universidade Estadual do Piauí, Castelo do Piauí, 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PROPOSTA DA ATIVIDADE

Gênero textual	Poema
Ano	8º Ano
Tipo de atividade	Leitura, interpretação, análise crítica e produção de poema
Tempo previsto	4 aulas (45min cada aula)
Material sugerido	Cópias do poema "Poeta da Roça" de Patativa do Assaré; Quadro branco e pincéis; Materiais para anotações Projetor; Youtube; Caixa de Som
Competências da BNCC	EF69LP55 EF69LP56
Objetivos	Reconhecer a importância de Patativa do Assaré como representante da literatura de cordel e da valorização da linguagem popular. Identificar, no poema "O Poeta da Roça", marcas linguísticas que se afastam da norma-padrão, como regionalismos e estruturas da oralidade. Refletir, em roda de conversa, sobre a relação entre linguagem, identidade cultural e exclusão social. Compreender as causas e consequências do preconceito linguístico, debatendo formas de enfrentamento no contexto escolar. Estimular a produção de poemas autorais que incorporem variações linguísticas presentes nas vivências dos alunos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

APÊNDICE B – QUESTÕES NORTEADORAS PARA O DEBATE

1. Você acha que existe uma forma “certa” e uma “errada” de falar? Por quê?

2. As pessoas falam da mesma forma em todos os lugares? O que muda na fala de uma região para outra?

3. A maneira como uma pessoa fala pode revelar algo sobre sua identidade? O quê?

4. A linguagem usada no poema O Poeta da Roça é diferente da linguagem dos livros didáticos? Quais diferenças você percebe?

5. Por que algumas formas de falar são mais valorizadas do que outras na sociedade?

6. O que é preconceito linguístico? Você já presenciou ou vivenciou alguma situação assim?

7. Como você se sentiria se alguém criticasse a sua forma de falar?

8. É possível respeitar diferentes formas de falar e, ao mesmo tempo, aprender a norma padrão? Como?

9. Qual deve ser o papel da escola em relação às diferentes formas de linguagem dos alunos?

10. De que forma valorizar a linguagem popular pode contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva?

ANEXOS

ANEXO A - O POETA DA ROÇA

O Poeta da Roça

Sou fio das matas, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.
(Patativa do Assaré/Antônio Gonçalves da Silva)